

4ª PARTE

Discursos

DISCURSO DE POSSE(*)

Mauro Benevides

Ao iniciar esta oração, cumprindo a ritualística preconizada para momentos imponentes como o da noite de hoje, eu vos diria que adoto como legenda, nesta hora, o verso famoso de Machado de Assis, que deveria ter sido, de acordo com revelação de Antônio Sales, a divisa da Academia Brasileira de Letras ao revés de *Ad Immortalitatem*, sugerida por Joaquim Nabuco — *Esta glória que fica, eleva, honra e consola*.

Não sei de nada melhor do que esse alexandrino para definir, com exatidão ou justeza, minha profunda alegria ao transpor, como acadêmico, os vetustos umbrais deste Palácio, onde pontificam as figuras de maior expressão das letras cearense, depois que por aqui passaram, desde o Ceará Provincial, os nosso Chefes de Executivo e eu mesmo, interinamente, quando exerci o Governo, na qualidade de Presidente da Assembléia Legislativa.

Crede-me: não poderia aspirar a maior galardão, ou láurea, em minha vida, toda ela dedicada aos superiores ideais e aspirações do nosso povo, no desempenho de *munus* legitimado pela soberana vontade de meus coestaduanos, que me escolheram, seguidamente, Vereador, Deputado Estadual em quatro legislaturas e Senador da República, neste último posto já em segundo mandato, com as responsabilidades acrescidas pelo desempenho da Presidência do Congresso Nacional, que assumi a 2 de fevereiro de 1991.

Tive sempre, porém, o mais vivo interesse pela cultura humanística, formando-me em Letras Clássicas na antiga Faculdade Católica de Filosofia, de que nasceria a Universidade do Estado, graduando-me dois anos depois por nossa tradicional Faculdade de Direito.

Agora, num ano em que se comemoram o centenário da Padaria Espiritual e o cinquentenário do Grupo CLÁ — os dois capítulos de maior realce da literatura cearense, experimento o inexcédível júbilo de me tornar um dos vossos, senhores acadêmicos, ao receber a investidura das mãos de Cláudio Martins, homem clarividente, que conduz sabiamente os destinos desta Casa.

(*) Discurso de posse, pronunciado a 8 de maio de 1992.

A alta dignidade cultural que me é concedida amplia-se, contudo, sentimentalmente, com a fraterna saudação de Murilo Martins, companheiro de bancos escolares no conceituado Colégio Cearense, por onde têm passado sucessivas gerações, orientadas pelos Irmãos Maristas, cultuadores da figura inolvidável do Padre Marcelino Champagnat.

José Murilo de Carvalho Martins, o estudante aplicado, possuidor de inteligência privilegiada, transformar-se-ia no cientista renomado e respeitado por toda a comunidade, com especialização em Hematologia, lecionando-a na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, a que chegou por concurso público, depois de aprofundar os seus conhecimentos em um doutorado no exterior, desfrutando de elevada consideração dos corpos docente e discente daquele prestigioso Estabelecimento de Ensino Superior.

Como escritor e acadêmico dos mais festejados, publicou excelente biografia, intitulada *O Médico Antônio Jucá* e um livro sobre sua incoercível vocação — *Medicina, meu Amor* — ciência a que dedicou o grande talento que possui, além de ensaios sobre a sua especialidade profissional.

Sou-lhe sumamente grato pelo cintilante discurso que acaba de proferir em nome da Academia, revelando, de modo primoroso, o refinamento de sua cultura polimorfa e a percuciência de sua visão do mundo. No ano de 1991, em reconhecimento de suas virtudes intelectuais, foi eleito para esta Casa quase centenária, onde tomaria assento ao lado de seu venerando e extraordinariamente lúcido genitor — o Professor Antônio Martins Filho, figura oracular da nossa vida cultural e a quem o príncipe dos poetas cearenses, Artur Eduardo Benevides, chamou, inspiradamente, de Reitor dos Reitores, colocando-o, assim em sua exata dimensão histórica.

Srs. Acadêmicos:

Aqui entre os luminares de nossa inteligência, venho ocupar, por decisão irrecorrível dos vossos corações, a Cadeira 39, cujo patrono é Araripe Júnior, sem qualquer dúvida um dos maiores críticos literários do Brasil, em todos os tempos, projetando-se como Tristão de Athayde, Agripino Grieco, Lúcia Miguel Pereira, Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, Nelson Werneck Sodré e Eduardo Portela, sem esquecer Otto Maria Carpeaux, a quem tanto devem as Letras Nacionais.

Nascido em Fortaleza, a 27 de junho de 1848 e falecido no Rio de Janeiro a 29 de outubro de 1911, Tristão de Alencar Araripe Júnior

vem de troncos ilustres e nobres, entre os que mais sejam, filho do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe e neto do Valoroso Tristão Gonçalves, que escreveu páginas épicas nos adustos sertões nordestinos, sendo presidente da meteórica República do Equador, em que sonho e heroísmo se associaram sob a égide de ideais políticos, asperamente punidos pelo Império.

Formado em Direito, Araripe Júnior de destacaria na magistratura, na administração, na política, no jornalismo e na literatura, sendo esta, irrefutavelmente, a sua área de eleição. Exerceu as funções de Juiz em Maranguape a terra de Capistrano de Abreu; foi Secretário de Governo em Santa Catarina e, num justo prêmio ao seu merecimento, Consultor-Geral da República. Deputado Provincial em dois biênios, teve uma atuação discreta no parlamento, mesmo porque a sua vocação maior eram as letras, tendo sido um dos fundadores da Academia, no Rio de Janeiro e do Instituto Histórico Brasileiro.

Como ficcionista, contudo, parece não ter alçado vôos aquilinos, talvez por lhe faltar uma veraz apetência criadora, já que a crítica seria, como realmente o foi, o seu destino literário, mais de acordo com sua formação filosófica. Não podem ser esquecidos, no entanto, os seus *Contos Brasileiros*, ou novelas e romances como *O Ninho do Beija-Flor*, *Jacina — a Marabá*, *Luizinha*, *O Reino Encantado*, *Miss Kate* e outros, em que a força ficcional, porém, não teria a consistência das criações de um Alencar, de um Domingos Olímpio, de um Oliveira Paiva, de um Adolfo Caminha.

Já como crítico, foi um nome consagrado nacionalmente, uma figura paradigmática, ou exemplar, sobretudo pelo lastro cultural de que se alimentavam as suas reflexões e o seu raciocínio. A fomsa *Carta sobre a Literatura Brasileira*, os estudos sobre *José de Alencar* ou a análise sutil que demonstrou em *Raul Pompéia*, *o Ateneu e o Romance Psicológico*, além das fascinantes páginas sobre Machado e Gregório de Matos, revelam, à saciedade, uma personalidade marcante, no campo do pensamento.

No exercício da crítica, prendeu-se à Escola do Recife, onde resplandeceram os nomes de Tobias Barreto e Sílvio Romero, imprimindo uma orientação científica aos seus julgamentos, numa fuga intencional ao subjetivismo e ao impressionismo. Afrânio Coutinho relançou sua *Obra Crítica*, entre 1958 e 1966, e lase extraem valiosos conceitos sobre vultos da grandeza de um Zola, de um Dostoiowsky, de um Balzac, de um Flaubert, de um Shakespeare e de um Baudelaire, entre outros.

Como escreveu Felix Pacheco, "Araripe tinha em alto grau a paixão pelo belo, vibrava com os grandes autores, delirava com eles, possuía sempre do fogo interior que cria, vivifica e deslumbra". E a literatura seria, realmente, o grande caminho de seu espírito, que jamais se desinteressou dos problemas sociais, a ponto de enfileirar-se ao lado de José do Patrocínio, em favor do movimento abolicionista. Nesta capital, fez parte da Academia Francesa do Ceará, bem mais filosófica do que literária, ao contrário da Padaria Espiritual, que concentrou todo o seu potencial nas letras, chamando a atenção da Província por sua irreverência e posicionamento anticonservador, antecipando em muitos anos o que iriam fazer, em São Paulo, os integrantes da Semana da Arte Moderna.

O seu nome está em todos os dicionários e enciclopédias de literatura, não sendo justo esquecer que escreveram a seu respeito expoentes do porte de um José Veríssimo, de um Artur Mota, de um Álvaro Lins, de um Aurélio Buarque de Holanda e de um José Aderaldo Castelo, dentre muitos que lhe destacaram as incontáveis virtudes, como o fariam no Ceará todos os historiadores e críticos, sem exceção.

A Cadeira que o tem como patrono, nesta Augusta Academia, foi ocupada, até bem pouco, pelo douto Professor e Jornalista José Rebouças Macambira (1917 - 1992), que teve atuação das mais elogiadas no magistério superior, como titular das universidades Federal e Estadual, tornando-se, por sua cultura, um dos maiores lingüistas do Brasil, com justo renome e prestígio em todas as Unidades Federadas.

Passando por cima de discussões e querelas acadêmicas sobre o Estruturalismo que encampou como forma de visão do processo verbal de comunicação entre os homens, o emérito filho de Palmácia construiu uma obra sólida, de larga repercussão, pela segurança dos conceitos e clareza de exposição, com muitas diretrizes inovadoras ou reformadoras de concepções que considerou superadas.

Foi extremamente sensível a todos os fatos da linguagem falada e escrita e das leis que os regulam. Aceitava, de bom grado, as cousas novas e condenava aquela gramatiquice intolerante e tão censurada pelos modernistas de 22, em poemas de Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que admitiam, como Alencar já o fizera, premonitoriamente, no século passado, a existência de um falar brasileiro, diferente da sintaxe lusitana.

Espírito aberto à compreensão da fenomenologia lingüística, em seus numerosos caminhos e controvérsias de ordem doutrinária, José Rebouças Macambira, de cuja amizade privei, aceitava tudo aquilo

que não levasse a "última flor do Lácio" a plebeísmos e solecismos comprometedores da beleza de dicção ou de imagens. A língua é uma pedra preciosa, lapidada nos séculos, pelo povo e pelos artistas da palavra, que são os escritores, não podendo ter seu código rompido por caprichos sazonais ou discutíveis originalidades, que rendem culto aos jargões mais rudes e a neologismos inaceitáveis. As frases são receptáculos do nosso pensar e sentir, não podendo consagrar equívocos destoantes, que viriam perturbar a comunhão das idéias e a interação dos diálogos.

Macambira mantinha grande flexibilidade em relação a tais assuntos, sem aplaudir, contudo, por convicção científica, o despropósito de teóricos da undécima hora. Foi um homem de vasto saber e era sempre proveitoso ouvi-lo, na cátedra universitária ou na tribuna acadêmica, a disrequear sobre a estrutura e formação dos vocábulos; os radicais gregos e latinos; a regência verbal e nominal; os superlativos; os gerúndios; os sujeitos indeterminados; o ritmo frásico no andamento do discurso coloquial ou tenso; a força emotiva das interjeições; a forma e a transformação de vocábulos eruditos e populares; o poder das vogais; o valor das metáforas; as construções inusitadas ou incomuns; a sinonímia; as alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas; a importância do estilo como característica individual de autores e, coletiva, de épocas; a dinâmica dos verbos; enfim, sobre todos os fatos significativos na estrutura da língua.

Como poucos já o fizeram, penetrou naquele riquíssimo reino das palavras, de que nos falou Carlos Drummond de Andrade, embora sabendo, pela lição de Cecília Meireles, que

*as palavras aí estão, uma por uma:
porém minha alma sabe mais.*

Claro que há uma grande diferença entre o escritor, o poeta e o lingüista, mas todos trabalham com os mesmos elementos, através de visões não idênticas. E Macambira era, a um só tempo, lingüista e escritor, com muitos poemas de boa feita e uma tradução tecnicamente impecável do *Rubayat*, de Omar Khayyam, que está no livro intitulado *Musa de Aquém e de Além*.

Na área da lingüística, optou pelo estruturalismo, que foi para ele um método científico ou um processo de investigação de formas e fenômenos diversos da linguagem, não obstante as divergências teó-

ricas entre os seus seguidores mais argutos, alguns dos quais o julgam mera substituição conceitual da idéia de essência e substância.

O nosso inesquecível Rebouças Macambira, teorias à parte, realizou um exame profundo da linguagem falada e escrita, descobrindo-lhe sutilezas e particularidades enriquecedoras da visão universal do tema. Tudo isso se acha traduzido em rica bibliografia de que se destacam os seguintes livros: *Estrutura Morfo-Sintática do Português*, editado em São Paulo e já em quinta edição; *Português Estrutural*, também editado na capital paulista; *Estrutura da Oração Reduzida*; *Estrutura do Vernáculo*; *Estrutura Musical do Verso e da Prosa*. Seu desaparecimento, por isso mesmo, constituiu perda irreparável para a Lingüística nacional e para a nossa Academia. E o Ceará reconhece, à unanimidade, o seu imenso valor, como professor, jornalista e homem de pesquisa e criação literária. Neste momento, presto reverente homenagem a sua memória na pessoa de D. Rosa Maria de Aguiar Rebouças, e de seus filhos Róscio e Rosane, que deverão cultuar para sempre a lembrança de um grande mestre que conhecia, entre outras línguas, o grego, o latim, o francês, o italiano, o espanhol e o inglês, tendo escrito a primeira gramática Sânscrita no Brasil, a sair brevemente.

Rebouças Macambira será sempre lembrado pela atual e as gerações porvindouras, por seu inquestionável valor, evidenciado sobejamente em importantes áreas do conhecimento humano.

Sr. Presidente Cláudio Martins,
Digníssimas Autoridades,
Srs. Acadêmicos:

Sucedendo ao preclaro mestre cearense, na Cadeira cujo Patrono é Araripe Júnior, chego a esta Casa, que não é apenas de Literatura, mas de Letras, em geral, com alguns livros e trabalhos dispersos sobre Política, Legislação, Administração Pública, Pesquisa Histórica, Economia e Desenvolvimento Regionais, além de Orações sobre eventos ou personalidades do Ceará e do País, como as que proferi no Senado sobre o Sesquicentenário de Alencar e o daquela Casa Legislativa, ou o Centenário de Menezes Pimentel, Hermenegildo Firmeza, Delmiro Gouveia e Senador Pompeu, não esquecendo as homenagens prestadas a Martins Rodrigues, a Virgílio Távora e a César Cals, a Juarez Távora e ao Senador Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães que festejou em vida, recentemente, o seu centenário de nascimento, além de

pronunciamentos isolados, como o que fiz em Lisboa, na condição de representante do Brasil na Conferência dos Parlamentos Ibero-Latino-Americanos.

Dir-vos-ei de mim, entretanto, que os cargos públicos e os mandatos eletivos, por mais altos que sejam, não me entontecem, nem me desnorteiam. Jamais senti o delírio do Poder, ou qualquer deslumbramento diante de posições ocasionalmente exercidas. Aprendi desde cedo quão fugaz é a glória terrena. Com formação maritainiana, o que me alegra, em verdade, é a prática diuturna da solidariedade, ou um simples gesto de amizade e de amor ao próximo, pois a vida só tem sentido de forma plural, como um elo sagrado a unir todos os seres.

Em política, exercito-me na arte da moderação e da prudência, do entendimento e da concórdia, sem qualquer traço de omissão ou de tibieza. Respeito a intangibilidade da pessoa humana, que é um direito fundamental, e ante as incompreensões a que são inapelavelmente submetidos os homens públicos, espero que equívocos de julgamentos ocasionais cedam lugar a uma correta interpretação de toda a minha vida pública, sinalizada por coerência comprovada, que me elevou, até hoje e durante mais de duas décadas, à presidência do Diretório Regional do partido a que pertenço, numa longevidade de comando que garantiu razoável preeminência ao *currículum* político que reuni, com sacrifícios inauditos, sobretudo na fase da luta em prol da normalidade institucional no País. Meu estilo de vida impõe-me, como norma de conduta, o equilíbrio ou serenidade e ninguém me direcionará para exarcebações despropositadas. E penso, como Pio XII, que a paz entre os homens só será conseguida como obra de justiça. Em minha utopia — e todos temos uma, desde Platão, ou antes — penso nos pobres menos pobres e nos ricos menos ricos, como ponto indispensável ao equilíbrio do mundo. E me refiro a homens e Nações. Por isso, propugno, indormidamente, da Tribuna Parlamentar, por uma assistência mais ampla à sofrida região do Nordeste, onde, com raríssimas exceções, só chegam recursos tardios e fraccionados, retidos no Tesouro em nome de uma intolerável e por vezes injusta contenção de despesas.

E é isso o que está, de forma implícita ou explícita, em todos os meus livros, Srs. Acadêmicos, como uma mensagem ora de protesto, ora de otimismo, ou de esperança e de fé nos destinos do Brasil e da Humanidade, numa época de tantas incertezas e iniquidades. E tudo porque foram esquecidos os grandes ideais de fraternidade, dando lugar, ainda agora, a situações extremas entre países, como ocorreu

na fulminante Guerra do Golfo Pérsico, quando baldados foram todos os esforços da ONU para impedir, a qualquer preço, sua insólita eclosão.

Nunca foi tão difícil o ato de viver, que mais parece uma cópia das grandes tragédias gregas, nas quais se notabilizaram Ésquilo e Sófocles, como verdadeiros clarões, na Antigüidade Clássica. A poesia, o teatro e a ficção dão testemunho permanente desse capítulo cruel da História, em que a Democracia parece ser a única opção de todos nós, tentando dar ao mundo melhores perspectivas de sobrevivência, ensejando a que se preservem os valores mais sagrados do ser humano.

Temos, infelizmente, que pagar caro por nossa liberdade, esse inconfundível bem-comum, sem o qual todos os caminhos tornam-se tristes e sombrios. Mas, é certo: ainda que viva sob o guante de crise periódicas, a Democracia é incomparavelmente melhor do que qualquer outro sistema de governo. Tivemos, no Brasil e no mundo, amargas experiências, quando fissuras atingiram o arcabouço democrático, acarretando cicatrizes e seqüelas no quadro civilizacional. Com determinação e resistência, porém, vencemos adversidades, passando a vislumbrar horizontes mais claramente definidos, em termos de estabilidade política, quando se soergueu a nova ordem institucional, entre nós.

Essa luta e essa crença encontrareis em tudo o que publiquei até hoje, especialmente na fase que antecedeu ao reencontro do País com o Estado de Direito, alcançado naquele 5 de outubro de 1988, com a promulgação da nova Carta, da qual me orgulho de ser o 2º Signatário, Vice-Presidente que fui da Assembléia Nacional Constituinte.

Agradeço-vos, pois, Srs. Acadêmicos, a gentileza da escolha de meu nome para integrar esta nobre Instituição Cultural. Guardarei com orgulho a memória desta noite, tendo ao meu lado, minha mulher, meus filhos, parentes e tantos amigos fiéis, quando assumo a responsabilidade de tudo procurar fazer pelo prestígio, cada vez maior, de nossa Academia, a que preside a inteligência fulgurante de Cláudio Martins.

Reitero minha gratidão ao Professor Murilo Martins, que me saudou, generoso, com palavras que, a um só tempo, me comovem e engrandecem.

A todos, o meu reconhecimento pela distinção que recebo, uma das mais altas de minha vida, na expectativa de que juntos, possamos concorrer para o fortalecimento da cultura cearense, inspirados no exemplo de um Alencar, de um Araripe Júnior, de um Barão de Studart, de um Clóvis Beviláqua, de um Farias Brito, de um Gustavo

Barroso, de um Pompeu Sobrinho, de um Juvenal Galeno, de uma Rachel de Queiroz e de tantos que nasceram com a dignificante missão de servir à Terra da Luz.

A honra de pertencer à Academia e desfrutar de vosso fraterno convívio é consagrada. Mais que uma honra, é aquela glória imprecável do verso de Machado, que recebo como dádiva de Deus. E agradecendo a todos vós por tal mercê, Srs. Acadêmicos, só posso dizer, extremamente sensibilizado, que procurarei corresponder, da melhor forma possível, a vossa atitude nobilitante, mesmo sentindo, com humildade, que o prêmio é bem maior que o premiado sobreexcedendo-lhe os méritos, discutíveis.

Estar entre vós é enriquecer o espírito e recolher exemplos que, por certo, me iluminarão, ampliando as veredas de meu itinerário, num processo existencial em que procurarei, por todos os momentos, manter-me vinculado aos meus próprios sonhos, sempre pensando no Ceará, que continua a ser um dos maiores celeiros intelectuais do Brasil.

A presença de tantos amigos diletos, bem assim de alguns ilustres colegas do Congresso Nacional, oferece a esta solenidade um brilho excepcional, redimensionando a minha emoção e me fazendo eterno devedor de gesto tão inquestionavelmente magnânimo.

Srs. Acadêmicos:

Agora a palavra final, daquele jovem da década de 50, que comandou uma vanguarda de moços na defesa de postulados cristãos; que concedeu uma Escola de Líderes, em iniciativa pioneira, considerada excessivamente arrojada para a época; que se imiscuia em disputas estudantis e de grêmios literários, prenunciadoras de uma vocação latente para as refregas políticas; que, com inusitada sofreguidão, tentava ler, simultaneamente, os clássicos e os comentários a Códigos e a Tratados jurídicos; que se viu compelido, em nome de uma reforção de costumes, a ceitar candidatura a vereador, principiando uma árdua caminhada, que o fez perلustrar, na hierarquia legislativa, todos os postos, até ascender à Presidência do Congresso Nacional; que freqüentava palanques em pequenas, média e concentrações monumentais, como as da *Diretas — Já*; que, num hiato de sua atuação como mandatário do povo, exerceu a direção de estabelecimentos creditícios, deles saindo com a dignidade incólume, sem o crivo de qualquer restrição, mesmo de adversários impenitentes; que presidiu a um partido numa fase em que era temerário pro-

clamar-se oposição, nele permanecendo até hoje, como seu dirigente máximo no Estado; que se favoreceu do milagre das urnas no pleito senatorial de 1974, enfrentando velhas estruturas apenas com a palavra moderada, sem intenção proposital de agredir anticorreligionários; que, hoje, ao coordenar os trabalhos do Congresso, tenta impor um estilo próprio, permitindo que se estabeleça o contraditório e se apure a tendência soberana de um Plenário às vezes rebelado contra as suas respectivas lideranças; que patrocinou, nacionalmente, causas como a autonomia das Capitais e a unificação do salário mínimo, ocupando largos espaços dos veículos de comunicação; que soube manter, como Chefe de um dos Poderes da República, a norma explícita da independência e harmonia entre os mesmos; que, na 1ª-Vice-Presidência da Assembléia Nacional Constituinte, relatou reformas regimentais que viabilizaram a promulgação da nova Carta; que, enfim, vê-se realizado do ponto de vista intelectual, ao ser alçado, com tamanha benignidade, à Cadeira 39 desta Casa de Cultura.

Nunca pretenderia ser um dos vossos, se a generosidade dos que aqui têm assento não me tivesse buscado para as glórias desta noite deslumbrante.

Eu vos sou penhoradamente grato por me haverdes galardoado, não com a superficialidade das cousas efêmeras, mas, ao contrário, com a perenidade de uma homenagem, que me cabe recordar, pelo resto da minha existência.